

# Utilizando o *Implicit Relational Assessment Procedure* (IRAP) para avaliar relações verbais implicadas na esquivas experiencial: Um estudo piloto<sup>1</sup>

Using the Implicit Relational Assessment Procedure (IRAP) to assess the verbal relations entailed on experiential avoidance: A pilot study

Uso del Implicit Relational Assessment Procedure (IRAP) para evaluar aspectos verbales de la evitación experiencial: Un estudio piloto

---

William F. Perez✉

---

Paradigma – Centro de Ciências do Comportamento  
Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia sobre Comportamento, Cognição e Ensino (INCT-ECCE)

---

Roberta Kovac  
Yara C. Nico  
Adriana P. Fidalgo  
Daniel Caro  
Ila M. P. Linares  
Rodrigo R. C. Boavista  
Sarah F. U. Barbosa  
Cainã T. Gomes  
Gabriela A. R. dos Santos

---

Paradigma – Centro de Ciências do Comportamento

---

João Henrique de Almeida

---

Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia sobre Comportamento, Cognição e Ensino (INCT-ECCE)  
Universidade Federal de São Carlos

---

<sup>1</sup> A presente pesquisa foi realizada com o apoio da bolsa pesquisa oferecida pelo Paradigma – Centro de Ciências do Comportamento – a dois dos autores (Daniel Caro e Sarah Fernandes) durante a realização do curso de especialização em terapia analítico-comportamental.

✉ will.f.perez@gmail.com

## RESUMO

A esquiva experiencial (EE) se caracteriza pela tentativa de evitar do contato com eventos privados aversivos ou com eventos que os evocam ou eliciam. A presente pesquisa teve por objetivo investigar a correlação entre uma medida explícita de EE, o AAQ-II, e uma medida implícita, desenvolvida a partir do IRAP (*Implicit Relational Assessment Procedure*). Depois de responder ao AAQ-II, participantes foram submetidos a um IRAP que avaliou a latência de resposta (verdadeiro ou falso) a frases indicando aceitação ou evitação de eventos privados positivos ou negativos. Havia quatro tipos de tentativas: *aceito +*, *aceito -*, *evito +* e *evito -*. Foram observadas respostas mais rápidas para as relações “*aceito +*, verdadeiro” e “*evito -*, verdadeiro”. A comparação entre grupos com diferentes exigências de latência (2.500 ms vs. 2.000 ms) sugere que o grupo com maior exigência de latência (2.000 ms) apresentou melhor diferenciação dos escores no IRAP e correlação entre as tentativas *evito -* e o AAQ-II.

**Palavras-chave:** esquiva experiencial; AAQ-II; IRAP; medidas implícitas; adultos

## ABSTRACT

Experiential Avoidance (EA) is an attempt to avoid contact with aversive private events or correlated stimuli that might evoke or elicit them. The present research investigated the correlation between an explicit measure of EA, the AAQ-II, and an implicit measure, based on the Implicit Relational Assessment Procedure (IRAP). After responding to the AAQ-II, participants were submitted to a IRAP task that assessed the response latency (true or false) to phrases indicating acceptance or avoidance of positive or negative private events. There were four IRAP trial types: *accept +*, *accept -*, *avoid +* and *avoid -*. Responses were faster to the following relations: “*accept +*, true” and “*avoid -*, true”. The comparison between groups with different latency criteria (2.500 ms vs. 2.000 ms) suggested that the group with a stricter criterion (2.000 ms) had stronger IRAP effect and showed a correlation between the IRAP trial type “*avoid -*” and the AAQ-II scores.

**Keywords:** experiential avoidance; AAQ-II; IRAP; implicit measures; adults.

## RESUMEN

La Evitación Experiencial (EE) se caracteriza por intentar evitar contacto con eventos privados aversivos o eventos que los evocuen o eliciten. El presente estudio tuvo como objetivo investigar la correlación entre una medida explícita de EE, el AAQ-II, y una medida implícita, desarrollada a partir de un IRAP (*Implicit Relational Assessment Procedure*). Después de responder el AAQ-II, los participantes fueron sometidos a un IRAP que evaluó la latencia de respuestas (Verdadero o Falso) a frases indicando aceptación o evitación a eventos privados positivos o negativos. Había cuatro tipos de presentaciones: *Acepto +*, *Acepto -*, *Evito +*, *Evito -*. Se observaron respuestas más rápidas en las relaciones “*Acepto +*, Verdadero” y “*Evito -*, Verdadero”. La comparación entre grupos con exigencias de latencia diferentes (2500 ms vs. 2000 ms) sugiere que el grupo con mayor exigencia de latencia (2000 ms) presentó una mejor diferenciación en los escores en el IRAP y una correlación entre las respuestas en *Evito -* y el AAQ-II.

**Palabras clave:** evitación experiencial, AAQ-II, teste de evitación, adultos.

Atualmente, a Terapia de Aceitação e Compromisso (*Acceptance and Commitment Therapy*, ou ACT; cf. Hayes, Strosahl, & Wilson, 1999; 2012) é listada pela divisão 12 da APA como apresentando suporte empírico forte no tratamento de dor crônica e suporte empírico modesto no tratamento de outras psicopatologias, tais como depressão, ansiedade, transtorno obsessivo-compulsivo e psicose. Progressivamente, em especial na última década, tem-se acumulado um número robusto de ensaios clínicos randomizados utilizando ACT como tratamento (pelo menos 171 listados pelo site da ACBS; Hayes, 2017a) e meta-análises relacionadas (e.g., Hacker, Stone, & MacBeth, 2016; A-Tjak et al., 2015; Hayes, Levin, Plumb-Villardaga, Villatte, & Pistorello, 2013; Hayes, Luoma, Bond, Masuda, & Lillis, 2006; Ruiz, 2012; cf. Hayes, 2017b para uma lista atualizada).

O modelo de tratamento da ACT se baseia em uma concepção funcional acerca do comportamento humano, dando particular importância à identificação de classes de respostas mais amplas que são comuns a diversas psicopatologias (Hayes et al., 2012). Dentre essas classes, destaca-se a esquiva experiencial (EE), que se caracteriza pela tentativa de evitar o contato com eventos privados aversivos ou com eventos que os evocam ou eliciam (Chawla & Ostafin, 2007; Hayes, Wilson, Gifford, Follette, & Strosahl, 1996; Levin et al., 2014; Monestès et al., 2016).

Parte das pesquisas de resultados sobre ACT baseiam suas afirmações acerca da eficácia dessa terapia em questionários especialmente desenvolvidos para estimar a frequência de ocorrência/intensidade da EE no dia a dia dos clientes. Dentre eles, encontra-se o *Acceptance and action questionnaire* (AAQ-II; Bond et al., 2011; Hayes et al., 2004). Apesar do seu alto nível de

consistência interna, correlação teste e reteste e validade do construto (Bond et al., 2011), o AAQ-II se baseia no relato verbal dos participantes acerca de um conjunto de comportamentos. Como apontado por Skinner (1957), a precisão do relato verbal pode variar, especialmente quando as variáveis que controlam o comportamento de relatar diferem daquelas que controlam a ocorrência do comportamento relatado. Visto que participantes de pesquisa de eficácia sobre psicoterapia estão sujeitos também a variáveis motivacionais propícias à distorção do relato (e.g., efeito de demanda, ao reavaliar o seu próprio comportamento após a realização da terapia; cf. Furnham, 1986; Chawla & Ostafin, 2007), pesquisadores têm sugerido a necessidade de se desenvolver outras medidas de EE para além do AAQ-II (e.g., Drake, Timko, & Luoma, 2016; Gámez, Chmielewski, Kotov, Ruggero, & Watson, 2011; Wolgast, 2014). Nesse sentido, estudos têm desenvolvido medidas operantes de esquiva de eventos públicos correlacionados com eventos privados aversivos, por exemplo, em tarefas que envolvem imagens e sons aversivos (Cochrane, Barnes-Holmes, Barnes-Holmes, Stewart, & Luciano, 2007; Gil, Luciano, Ruiz, Valdivia-Salas, & Soárez-Falcón, 2016; Thomas, Raynor, & Riboot, 2015) ou estimulação dolorosa (*cold pressor task*; Gil et al., 2016).

Outros estudos, ainda, têm utilizado o *Implicit Relational Assessment Procedure* (IRAP, e.g., Barnes-Holmes, Hayden, Barnes-Holmes, & Stewart, 2008; Hughes & Barnes-Holmes, 2012) para avaliar como participantes respondem a sentenças envolvendo a descrição de aceitação ou de evitação de eventos privados aversivos. O uso do IRAP tem sido recomendado por ser uma medida difícil de falsear e por ser menos sensível aos efeitos distorcivos observados nas pesquisas que utilizam apenas questionários (McKenna, Barnes-Holmes,

Barnes-Holmes, & Stewart, 2007; para condições que geram falseabilidade no IRAP, cf. Hughes et al., 2016).

Dentre os estudos que utilizaram o IRAP para investigar a EE, encontra-se o de Hooper, Villatte, Neofotistou e McHugh (2010). Em parte desse estudo, os pesquisadores solicitaram que participantes adultos respondessem ao AAQ-II e a um IRAP que buscou medir a latência das respostas relacionais dos participantes a frases de aceitação ou de evitação de emoções negativas. Cada tentativa do IRAP era iniciada com a apresentação de uma das seguintes frases no topo da tela: “Quando sinto emoções negativas, é melhor que eu...” ou “Quando sinto emoções negativas, é pior que eu...”. Simultaneamente, no centro da tela, aparecia um de dois possíveis complementos para as frases apresentadas no topo: “as aceite” ou “as evite”. O participante deveria, então, escolher uma das opções de resposta apresentada na parte inferior da tela: “verdadeiro” ou “falso”. Durante o procedimento, foram apresentados dois tipos de blocos de tentativas. Nos blocos consistentes, os participantes deveriam responder com viés de aceitação, e não evitação de emoções negativas: “Quando sinto emoções negativas, é melhor que eu as aceite” – verdadeiro –; “Quando sinto emoções negativas, é pior que eu as aceite” – falso –; “Quando sinto emoções negativas, é melhor que eu as evite” – falso –; “Quando sinto emoções negativas, é pior que eu as evite” – verdadeiro. Nos blocos inconsistentes, as contingências eram invertidas, e o participante deveria responder com viés de evitação e de não aceitação de emoções negativas, ou seja: “Quando sinto emoções negativas, é melhor que eu as aceite” – falso –; “Quando sinto emoções negativas, é pior que eu as aceite” – verdadeiro –; “Quando sinto emoções negativas, é melhor que eu as evite” – verdadeiro –; “Quando sinto emoções negativas, é

pior que eu as evite” – falso. Os participantes deveriam responder corretamente em pelo menos 80% das tentativas de cada bloco e com latência máxima de resposta de 3000 ms. A comparação entre a latência média obtida nos blocos consistentes com a obtida nos blocos inconsistentes deu origem a um  $D_{IRAP}$  score que indicou em qual bloco de tentativas – e, portanto, em qual viés – foi mais fácil para o participante responder, revelando a força relativa das respostas relacionais apresentadas. Nenhuma correlação entre os resultados do IRAP e do AAQ-II foram encontradas.

Em um estudo posterior, Drake, Timko e Luoma (2016) investigaram a correlação entre o AAQ-II e um IRAP desenvolvido para medir a esquia experiencial relacionada à ansiedade. Nos blocos consistentes, os participantes deveriam responder com viés de aceitação de sentimentos positivos e evitação de sentimentos negativos: “Estou disposto a sentir felicidade” – verdadeiro –; “Estou disposto a sentir ansiedade” – falso –; “Eu tento me livrar da felicidade” – falso –; “Eu tento me livrar da ansiedade” – verdadeiro. Nos blocos inconsistentes, as contingências eram invertidas, e os participantes deveriam responder com viés de evitação de sentimentos positivos e aceitação de sentimentos negativos: “Estou disposto a sentir felicidade” – falso –; “Estou disposto a sentir ansiedade” – verdadeiro –; “Eu tento me livrar da felicidade” – verdadeiro –; “Eu tento me livrar da ansiedade” – falso. O critério de acerto exigido ao longo dos blocos foi de 85% e a latência máxima média de 2.000 ms. Resultados significativos foram encontrados na tentativa “Estou disposto a sentir felicidade”, na qual as respostas ocorreram com menor latência relativa para “verdadeiro”, e na tentativa “Estou disposto a sentir ansiedade”, na qual a opção “verdadeiro” também foi mais

rapidamente selecionada em comparação a “falso”; nesse último caso, a disposição a sentir ansiedade seria uma evidência contrária à EE, algo inesperado, segundo os pesquisadores. Os resultados sugerem, ainda, uma correlação contraintuitiva entre o desempenho nas tentativas “Eu tento me livrar da ansiedade” e os escores obtidos no AAQ-II. Os participantes que responderam mais rapidamente em “verdadeiro” (comparado a “falso”) nas tentativas “Eu tento me livrar da ansiedade”, sugerindo um padrão de EE, também obtiveram melhores escores de flexibilidade psicológica segundo o AAQ-II.

Embora os estudos de Hooper et al. (2010) e Drake et al. (2016) tenham explorado o conceito de EE utilizando o IRAP, aspectos importantes da definição de EE, que determinaram a construção dos itens do AAQ-II, foram desconsiderados nas tentativas apresentadas pelo IRAP. Eventos privados aversivos envolvem não somente emoções, tal como abordado nos estudos citados, mas também pensamentos e sensações corporais. Além disso, os termos “aceitação” e “evitação” podem ser interpretados de maneiras idiossincráticas – por exemplo, “aceitação” pode ser entendida tanto como “resignação” ou como “abertura” (*openness*). Considerando tais limitações, o presente estudo pretendeu variar os termos utilizados na construção das frases do IRAP de modo a abarcar eventos privados de diversas categorias (pensamentos, emoções e sensações corporais) e também apresentar um número mais variado de expressões que caracterizem “aceitação” ou “evitação”. Tal modificação pretende ampliar a investigação dos aspectos verbais que compõem o fenômeno da EE e, por conseguinte, permitir uma análise preliminar das relações verbais que a constituem. Isso possibilitará, por exemplo, compreender as regras, culturalmente sustentadas, que levam humanos verbalmente competentes a

tratar eventos privados como problemas a serem solucionados (evitados), mesmo quando essa estratégia produz prejuízos que levam aos quadros clínicos de psicopatologia (Hayes et al., 1996; Hayes et al., 1999; 2012).

Estudos sugerem que, quanto menor a latência média de resposta exigida, mais claros se tornam os resultados obtidos nas tentativas do IRAP (e.g. Barnes-Holmes, Murphy, Barnes-Holmes, & Stewart, 2010). Desse modo, o presente estudo também pretendeu comparar o efeito da latência média de 2.500 ms e 2.000 ms sobre o  $D_{IRAP}$  escore obtido em cada tipo de tentativa e sobre a correlação entre os  $D_{IRAP}$  escores e os escores obtidos no AAQ-II.

## MÉTODO

### *Participantes*

Participaram da pesquisa 43 adultos verbalmente competentes, com idades variando entre 18 e 50 anos. Antes de iniciar a pesquisa, todos leram e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Plataforma Brasil, CAAE 27793714.4.0000.0084).

### *Local e equipamentos*

A coleta de dados foi realizada em local silencioso, equipado com uma mesa, cadeira e um computador (laptop). Na primeira parte do procedimento, os participantes utilizaram folhas impressas e caneta para responder aos questionários; na segunda parte, o software IRAP (2012) foi utilizado durante a tarefa experimental.

### *Procedimento*

Tendo o participante se acomodado à mesa e assinado o TCLE, dava-se início ao procedimento

de pesquisa. O procedimento foi dividido em duas fases. Inicialmente, os participantes deveriam preencher um conjunto de questionários referentes a medidas de esquia experiencial e psicopatologias diversas. Imediatamente após o preenchimento das escalas, era iniciada a tarefa do IRAP. Os participantes foram designados para dois grupos experimentais, diferenciados pela exigência da latência média de resposta durante o IRAP: Grupo 2.500 ms (n = 22) e Grupo 2.000 ms (n = 29). Os participantes foram alocados em cada grupo até que fossem obtidos, para cada um dos grupos, 16 participantes que preenchessem por completo as escalas e finalizassem a tarefa do IRAP obedecendo aos critérios de desempenho programados.

### Questionários

Como medida explícita de esquia experiencial foi utilizada a versão em português do *Acceptance and action questionnaire*, AAQ-II (Pinto-Gouveia, Gregório, Dinis, & Xavier, 2012); como medidas relacionadas a psicopatologias mais comuns, foram utilizadas as versões brasileiras das escalas Beck de depressão (BDI; Cunha, 2001) e ansiedade (BAI; Cunha, 2001) e da escala de depressão, ansiedade e stress (EADS; Apóstolo, Mendes, & Azeredo, 2006).

### IRAP

O IRAP era iniciado com algumas instruções mínimas, adaptadas para o português a partir do manual do programa (Barnes-Holmes & Hussey, 2012). A cada tentativa do IRAP, eram apresentados simultaneamente quatro estímulos, como mostram os quadros da Figura 1. Na parte superior da tela, era apresentado o estímulo modelo, que consistia em uma frase de aceitação (e.g., “Tudo bem sentir”) ou evitação (e.g., “Evito sentir”); no centro da tela, era apresentado um estímulo alvo, que consistia em

um complemento da frase modelo, descrevendo um evento privado positivo (e.g., “coisas prazerosas”) ou negativo (e.g., “coisas desagradáveis”); nos cantos inferiores direito e esquerdo da tela, eram apresentadas duas opções de resposta, as palavras “verdadeiro” e “falso”. Uma vez apresentados todos os estímulos, o participante deveria escolher uma das duas opções de resposta por meio das teclas “d”, para opção da esquerda, e “k”, para opção da direita. A posição em que cada uma das opções era apresentada era determinada aleatoriamente a cada tentativa. Caso o participante escolhesse a opção designada como correta para aquela tentativa, todos os estímulos eram retirados da tela e um intervalo entre tentativas de 400 ms era iniciado. Caso o participante emitisse uma resposta designada como incorreta, um X vermelho era apresentado entre o modelo e o seu complemento. A tentativa somente era encerrada após a emissão da resposta correta. Havia, ainda, uma exigência de tempo. Respostas com latência superior a 2.500 ms ou 2.000 ms (a depender do grupo do participante) eram seguidas da mensagem “Tente mais rápido”, apresentada entre o modelo e o complemento.

A Tabela 1 apresenta todas as frases e os complementos utilizados ao longo do estudo. A apresentação dos estímulos foi organizada sempre em blocos de 24 tentativas. A cada tentativa, uma frase e um complemento eram aleatoriamente selecionados para apresentação. Cada frase e cada complemento eram apresentados duas vezes por bloco, combinados aleatoriamente.

Os blocos de tentativas poderiam ser consistentes ou inconsistentes. Ao longo da tarefa, blocos consistentes e inconsistentes foram sempre apresentados de maneira alternada. Metade dos participantes iniciava o procedimento por um bloco consistente e a outra metade por um bloco

inconsistente. Como mostra a Figura 1, nos blocos consistentes, a opção “verdadeiro” era considerada correta quando: uma frase de “aceitação” fosse apresentada com um complemento "positivo" e uma frase de “evitação” fosse apresentada com um complemento “negativo”. A opção “falso” era considerada correta quando: uma frase de

“evitação” fosse apresentada com um complemento "positivo" e uma frase de “aceitação” fosse apresentada com um complemento “negativo”. Nos blocos inconsistentes, por sua vez, as contingências programadas para respostas corretas e incorretas eram invertidas.

Tabela 1

*Estímulos apresentados durante a tarefa do IRAP. A parte superior da tabela apresenta as frases de aceitação e de evitação; a parte inferior apresenta os complementos das frases, que descrevem eventos privados positivos e negativos.*

<b>ACEITO</b>	<b>EVITO</b>
Tudo bem sentir	Evito sentir
Tudo bem pensar	Evito pensar
Tudo bem lembrar	Evito lembrar
Permito sentir	Reluto sentir
Permito pensar	Reluto pensar
Permito lembrar	Reluto lembrar
<b>POSITIVO</b>	<b>NEGATIVO</b>
coisas alegres	coisas tristes
coisas que dão ânimo	coisas que angustiam
coisas serenas	coisas que dão medo
coisas prazerosas	coisas dolorosas
coisas gostosas	coisas nojentas
coisas agradáveis	coisas desagradáveis

*Nota.* As combinações entre frases e complementos apresentadas ao longo das tentativas foram aleatoriamente determinadas pelo próprio software do IRAP.

O procedimento era iniciado com blocos de treino (ou “aquecimento”), que tinham por objetivo familiarizar o participante com o procedimento. No primeiro par de blocos consistentes/inconsistentes apresentado, não havia exigência de latência. Assim, o participante deveria somente responder em acordo com a contingência programada. Tal fase era encerrada quando o participante emitisse pelo menos 85% de respostas corretas em cada um dos blocos. Depois disso, um novo par de blocos era

apresentado, adicionando a exigência da latência de resposta. Caso o responder se mantivesse em acordo com o critério de acerto (pelo menos 85%) e com latência média máxima de 2.500 ou 2.000, a depender do grupo, a fase de treino era encerrada, sendo seguida imediatamente pelos blocos de teste. Caso o participante não atingisse critério em até três pares de blocos consistentes/inconsistentes – ou seja, seis blocos de tentativas ora consistentes ora inconsistentes apresentadas de maneira alternada –,

sua participação seria encerrada. Durante a fase de teste, foram apresentados três pares de blocos consistentes/inconsistentes. Os blocos de teste eram idênticos aos do final da fase de treino, ou seja, para esses blocos, havia exigência de acerto e de latência.

Somente foram analisados os dados dos participantes que mantiveram critério de estabilidade ao longo de todos os blocos de teste (acertos > 80% e latência média < 2.500 ou < 2.000 ms, a depender do grupo experimental).

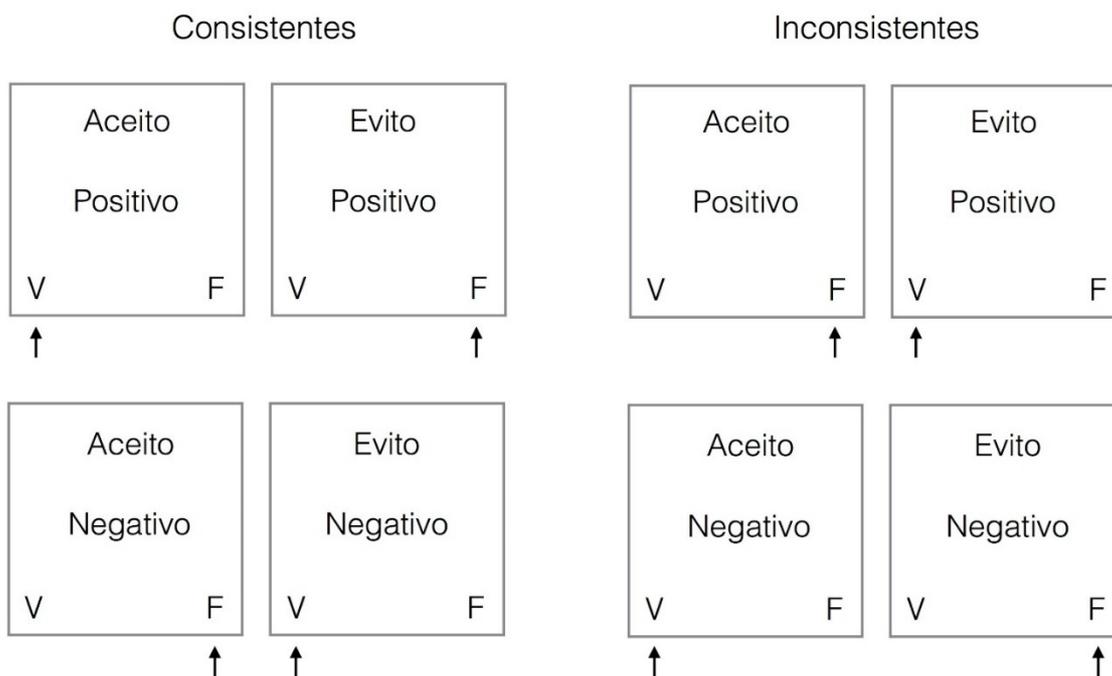


Figura 1. Arranjo de estímulos apresentados em cada um dos quatro tipos de tentativas do IRAP: *aceito +*, *aceito -*, *evito +* e *evito -*. A resposta considerada correta em cada um dos tipos de tentativa, ao longo dos blocos consistentes (esquerda) ou inconsistentes (direita), está sinalizada por uma seta.

## RESULTADOS

Foram analisados os dados dos participantes que preencheram todas as escalas e atingiram critério de encerramento de treino e de estabilidade ao longo dos blocos de teste do IRAP. A coleta de dados foi encerrada assim que obtidos 16 dados válidos em cada um dos grupos, 2.500 ms e 2.000 ms. Foram designados 22 participantes para o Grupo 2.500 ms. Quatro participantes não atingiram o critério de encerramento do treino do IRAP; um participante atingiu o critério de treino, porém, nos blocos de teste, não manteve o critério de acerto em dois blocos. No caso do Grupo 2.000ms, foram

necessários 29 participantes; 12 deles não atingiram critério de encerramento de treino durante o IRAP. Um dos participantes, embora tenha completado o treino, não manteve critério de acerto em três dos blocos de teste.

Os escores médios obtidos pelo Grupo 2.500 ms nas escalas aplicadas foram: AAQ-II,  $M = 19$  ( $SD = 6.2$ ); BAI,  $M = 6.3$  ( $SD = 6.7$ ); BDI,  $M = 5,6$  ( $SD = 5.8$ ); EADS,  $M = 7.4$  ( $SD = 6.7$ ). Para o Grupo 2.000 ms, os escores médios foram: AAQ-II,  $M = 14$  ( $SD = 8$ ); BAI,  $M = 6.6$  ( $SD = 5$ ); BDI,  $M = 6.8$  ( $SD = 4.7$ ); EADS,  $M = 10.31$  ( $SD = 7.8$ ). Uma série de testes *t* pareados não revelou nenhuma diferença entre os grupos com relação à média dos escores

obtidos nos questionários (AAQ:  $t(32) = 1.947, p = .06$ ; BAI:  $t(32) = 0.1478, p = .88$ ; BDI:  $t(32) = 0.5964, p = .55$ ; EADS:  $t(32) = 1.110, p = .27$ ).

A Figura 2 apresenta os resultados obtidos durante IRAP. A comparação entre a latência de resposta obtida nas tentativas dos blocos consistentes e dos blocos inconsistentes pode ser verificada por meio do  $D_{IRAP}$  score. O software do IRAP produz um  $D_{IRAP}$  score médio, obtido ao longo dos três pares de blocos consistentes/inconsistentes de teste, para cada um dos quatro tipos de tentativas apresentadas (*aceito +*, *aceito -*, *evito +* e *evito -*). A Figura 2 apresenta a média dos  $D_{IRAP}$  scores obtidos para os participantes de cada um dos grupos nos diferentes tipos de tentativas do IRAP. Quando o valor do  $D_{IRAP}$  score se aproxima de zero, nenhuma diferença pode ser informada entre as tentativas consistentes vs. inconsistentes; assim, é possível dizer que os participantes, ao longo dos blocos de teste, responderam com latência similar tanto para “verdadeiro” quanto para “falso”. No entanto, quando o  $D_{IRAP}$  score alcança valores mais expressivos, tanto positivos quanto negativos, é possível verificar diferenças proeminentes entre as latências das respostas obtidas para cada uma das duas opções (“verdadeiro” ou “falso”) em um tipo de tentativa específica. Nas tentativas *aceito +*, ambos os grupos responderam mais rapidamente para “verdadeiro”, se comparado a “falso”; o teste  $t$  revelou que os valores obtidos para ambos os grupos foram significativamente diferentes de zero (2.500 ms:  $t(16) = 6.079, p = < .0001$ ; 2.000 ms:  $t(16) = 4.492, p = < .0004$ ). Nas tentativas *evito +*, embora tenha se verificado uma tendência a responder mais rapidamente para “falso” em comparação a “verdadeiro”, não foram encontradas diferenças nos escores médios de ambos os grupos, se comparados com zero (2.500 ms:  $t(16) = 1.413, p = < .17$ ; 2.000 ms:  $t(16) = 2.360, p = < .003$ ). No caso das tentativas

*evito -*, ambos os grupos responderam mais rapidamente para “verdadeiro”, sendo o escore médio de cada grupo significativamente diferente de zero (2.500 ms:  $t(16) = 2.383, p = .03$ ; 2.000 ms:  $t(16) = 4.492, p = < .0004$ ). Na tentativa *aceito -*, por outro lado, foi observada uma diferença entre os grupos: enquanto a média dos escores dos participantes do Grupo 2.500 ms não foi diferente de zero ( $t(16) = .7205, p = .4$ ), os participantes do Grupo 2.000 ms responderam mais rapidamente para “verdadeiro”, se comparado a “falso” ( $t(16) = 2.235, p = .04$ ).

Segundo o teste *Mann-Whitney*, foi possível observar que não houve diferenças significativas nas comparações entre os tipos de tentativas considerando ambos os grupos (G 2.500 x G 2.000 – *aceito +*  $p = .724 -$ ; *aceito -*  $p = .642$ ; *evito +*  $p = .926$ ; *evito -*  $p = .381$ ). Um teste Anova de medidas repetidas, no entanto, revelou diferenças no tamanho do efeito comparando os tipos de tentativas do IRAP entre os dois grupos. Para o Grupo 2.500 ms,  $F(3, 15) = 6,24, p = .001, \eta^2_{Partial} = 0,23$ , o que configura um tamanho do efeito significativo e mediano; já para o Grupo 2.000 ms,  $F(3, 15) = 7,775, p < .001, \eta^2_{Partial} = 0,28$ , o que consiste em um tamanho do efeito significativo e grande.

Poucas correlações significativas foram encontradas entre os escores nas tentativas do IRAP e os escores nas escalas. No caso do Grupo 2.500 ms, foi encontrada uma correlação negativa entre as escalas BDI e EADS e o tipo de tentativa *evito +* (BDI e *evito +*:  $r = -.571, p = .03$ ; EADS e *evito +*:  $r = -.564, p = .03$ ). Assim, participantes que obtiveram escores altos nessas escalas, indicando maior gravidade para psicopatologias, tenderam a responder menos rapidamente para “falso” nas tentativas *evito +*. No caso do Grupo 2.000 ms, foi encontrada uma correlação positiva entre os escores

do AAQ-II e os escores na tentativa *evito* - ( $r = .502$   $p = .048$ ), indicando que, quanto maior a EE (ou a inflexibilidade psicológica), mais rapidamente os participantes respondiam “verdadeiro” para as

frases que descreviam evitação de eventos privados negativos.

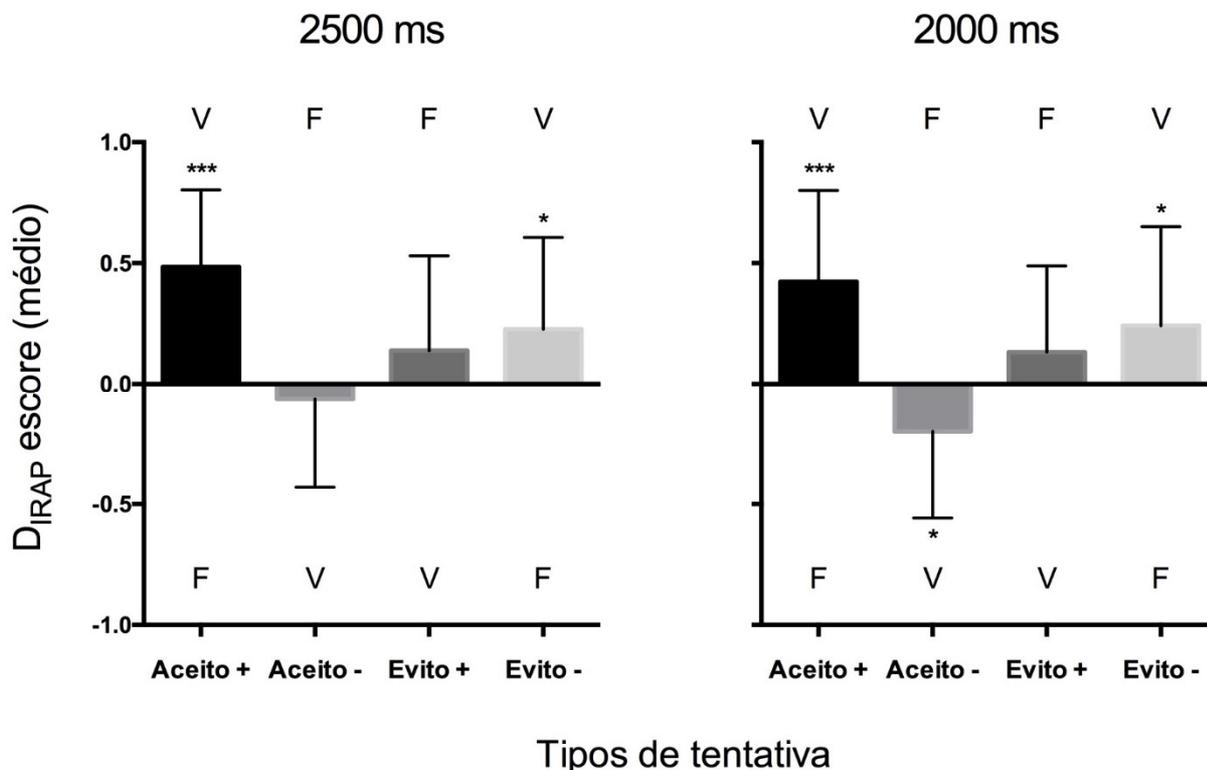


Figura 2.  $D_{IRAP}$  escores médios obtidos nos quatro tipos de tentativas do IRAP para os dois grupos experimentais: 2.500 ms (esquerda) e 2.000 ms (direita). Asteriscos sinalizam que os valores obtidos são significativamente diferentes de zero ( $p < 0.05 = *$ ;  $p < 0.001 = ***$ ).

## DISCUSSÃO

Estudos anteriores não encontraram correlações entre medidas explícitas (questionário AAQ-II) e implícitas (IRAP) de EE. No entanto, os estímulos utilizados no IRAP desenvolvido por esses estudos (Drake et al., 2016; Hooper et al., 2010) restringiam o modo como as relações verbais envolvidas na EE eram abordadas, abarcando somente aspectos referentes às emoções. O presente estudo teve por objetivo desenvolver um IRAP que pudesse abarcar mais amplamente diferentes aspectos das relações verbais envolvidas no fenômeno da EE. Para tanto, foram utilizadas diferentes frases que denotassem

“aceitação” ou “evitação” e uma gama mais diversificada de eventos privados “positivos” e “negativos”, incluindo, para além das emoções, também pensamentos e sensações corporais. Como objetivo secundário, foi também avaliado o efeito de diferentes exigências de latência média de resposta (2.500 vs. 2.000 ms) na diferenciação dos  $D_{IRAP}$  escores e na correlação com as escalas utilizadas.

Para que fossem obtidos 16 participantes com preenchimento completo das escalas e desempenho em acordo com os critérios do IRAP, foram necessários 22 participantes no Grupo 2.500 ms e 29 no Grupo 2.000 ms. Como esperado, a exigência de

uma latência média menor para o segundo grupo implicou em um número maior de participantes com dificuldade de finalizar a tarefa. No entanto, os resultados do IRAP sugerem, corroborando estudos anteriores, que diferenças mais significativas na média dos  $D_{IRAP}$  escores são obtidas com o aumento da exigência da tarefa (e.g., Barnes-Holmes et al., 2010). Em uma revisão dos estudos que utilizaram o IRAP, é possível verificar que a latência média utilizada tem sido progressivamente reduzida ao longo dos últimos anos (Hughes & Barnes-Holmes, 2014). Poucos estudos, no entanto, avaliaram sistematicamente o efeito de diferentes exigências de latência média nos escores das tentativas do IRAP.

Barnes-Holmes et al. (2010) investigaram o efeito de 3.000 ms vs. 2.000 ms em um IRAP que avaliou preconceito racial. Foi observado que a redução da latência em 1.000 ms produziu uma diferenciação significativa nos escores do IRAP. Nenhum estudo até a presente data, no entanto, avaliou o efeito de 500 ms de diferença na latência média entre os grupos experimentais. Os dados do presente estudo mostram que o Grupo 2.000 ms apresentou, em relação ao Grupo 2.500 ms: (1) escores significativamente diferentes de zero em um número maior de tipos de tentativas do IRAP (*aceito -*); (2) melhor tamanho do efeito ao longo das tentativas; bem como (3) melhores dados de correlação com o AAQ-II. As duas primeiras características observadas evidenciam que, em cada tipo de tentativa, as variações nos tempos de reação foram maiores quando os participantes pertenciam à condição que possibilitava 500 ms extras para emissão das respostas. A restrição no tempo de resposta pode ser considerada uma variável que, apesar de tornar os índices exigidos mais difíceis de serem mantidos, eleva a precisão da medida. Na condição de tempo mais restrito, foram destacados

vieses históricos dos participantes, observados nas respostas relacionais sobre a EE.

Os resultados do IRAP sugerem que as respostas relacionais mais “fortes”, ou seja, com menor latência, ocorreram para as relações “*aceito +*, verdadeiro” e “*evito -*, verdadeiro”. Para o Grupo 2.000 ms, ainda, foi observada uma correção entre as tentativas *evito -* e os escores do AAQ-II. Esse resultado difere dos estudos anteriores (Drake et al., 2016; Hooper et al., 2010), que não encontraram correlações entre o AAQ-II e as tentativas do IRAP. É provável que a ampliação das descrições envolvendo aceitação, evitação e eventos privados positivos e negativos tenha permitido uma melhor correspondência entre o que é medido pelo AAQ-II e as tentativas programadas no IRAP. Por outro lado, embora a correlação tenha sido verificada apenas nas tentativas *evito -*, outras correlações possíveis não foram encontradas. Estudos sugerem o AAQ-II como uma medida de flexibilidade psicológica (Chawla & Ostafin, 2007; Hayes et al., 1996; Levin et al., 2014; Monestès et al., 2016). Segundo Fletcher e Hayes (2005), “a flexibilidade psicológica” seria “a habilidade de entrar plenamente em contato com o momento presente e com as reações psicológicas produzidas por ele, como uma pessoa consciente, e persistir ou alterar o comportamento em tal situação a serviço de valores escolhidos” (p. 319).

Nesse sentido, em acordo com o modelo da ACT (Hayes et al., 2012), respostas altamente prováveis para “verdadeiro” nas tentativas *aceito +* também poderiam refletir um padrão de inflexibilidade psicológica, e isso deveria ser captado pelo AAQ-II. Embora tal padrão de respostas tenha sido altamente provável em ambos os grupos experimentais, nenhuma correlação entre as tentativas *aceito +* e o AAQ-II foi encontrada. Para o Grupo 2.500 ms, no entanto, a correlação entre as escalas BDI e EADS

e respostas rápidas para “falso” nas tentativas *evito* + sugerem que a *fusão* (Hayes et al., 1999) com eventos privados positivos também pode estar ligada às psicopatologias e, portanto, deveria ser um aspecto relevante no estudo da flexibilidade psicológica. Investigações futuras poderiam explorar essa questão mais detalhadamente.

O presente estudo apresenta um “mapa” da força de dadas relações verbais ligadas ao conceito de EE. Nesse sentido, avança na compreensão de aspectos importantes do fenômeno estudado, considerado uma categoria transdiagnóstica importante, presente em diversas psicopatologias (Chawla & Ostafin, 2007; Hayes et al., 1996; Levin et al., 2014; Monestès et al., 2016). De acordo Hayes, Wilson, Gifford, Follette e Strosahl (1996), a EE pode ser analisada de diversas maneiras. Inevitavelmente, em qualquer tipo de análise, faz-se necessário compreender os aspectos verbais que contribuem para seu estabelecimento e sua manutenção. Nesse sentido, é importante compreender a generalização inapropriada do controle por regras relacionadas a eventos privados e o suporte cultural para o seguimento de regras que envolvem responder a eventos privados como “problemas” a serem solucionados (por fuga/esquia). Assim, a presente pesquisa contribui para o estudo da EE por investigar a força de dadas relações verbais que compõem regras culturalmente estabelecidas, as quais categorizam os eventos privados que são aceitáveis ou desejáveis e os que devem ser evitados ou repelidos.

O presente estudo não investigou, no entanto, a ocorrência de respostas instrumentais de esquia, ficando restrito somente aos aspectos verbais da EE. Logo, não está claro, ainda, se o IRAP (ou o AAQ-II) poderia prever a ocorrência de uma resposta de esquia clinicamente importante. Estudos anteriores com o IRAP apontam que tal procedimento pode prever, por exemplo, uma resposta de esquia ou de

aproximação de uma aranha em participantes que relatam ter medo de aranha (e.g., Nicholson & Barnes-Holmes, 2012), ou a aproximação de um estímulo “contaminado” em participantes com medo de contaminação (e.g., Nicholson, Dempsey, & Barnes-Holmes, 2014). Estudos futuros poderiam incluir uma tarefa comportamental, de modo a verificar em que medida o AAQ-II e o IRAP poderiam ser preditores de respostas de esquia, em contexto experimental (cf. Perez et al., 2017).

## REFERÊNCIAS

- A-Tjak, J. G. L., Davis, M. L., Morina, N., Powers, M. B., Smits, J. A. J., & Emmelkamp, P. M. G. (2015). A meta-analysis of the efficacy of acceptance and commitment therapy for clinically relevant mental and physical health problems. *Psychotherapy and Psychosomatics*, *84*, 30-36. doi:10.1159/000365764
- Apóstolo, J. L. A., Mendes, A. C., & Azeredo, Z. A. (2006). Adaptation to Portuguese of the depression, anxiety and stress scales (DASS). *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, *14*, 863-871. doi:10.1590/S0104-1169200600060006
- Barnes-Holmes, D., Hayden, E., Barnes-Holmes, Y., & Stewart, I. (2008). The Implicit Relational Assessment Procedure (IRAP) as a response-time and event-related-potentials methodology for testing natural verbal relations: A preliminary study. *The Psychological Record*, *58*, 497. doi:10.1007/BF03395634
- Barnes-Holmes, D., Murphy, A., Barnes-Holmes, Y., & Stewart, I., (2010). The Implicit Relational Assessment Procedure: Exploring the impact of private versus public contexts and the response latency criterion on pro-white and anti-black stereotyping among white Irish individuals. *The Psychological Record*, *60*, 57-80. doi:10.1007/BF03395694

- Beck, A. T., & Steer, R. A. (1993). *Beck Depression Inventory: Manual*. San Antonio: Psychology Corporation.
- Bond, F. W., Hayes, S. C., Baer, R. A., Carpenter, K. M., Guenole, N., Orcutt, H. K., ... & Zettle, R. D. (2011). Preliminary psychometric properties of the Acceptance and Action Questionnaire - II: A revised measure of psychological flexibility and experiential avoidance. *Behavior Therapy, 42*, 676-688. doi:10.1016/j.beth.2011.03.007
- Chawla, N., & Ostafin, B. (2007). Experiential avoidance as a functional dimensional approach to psychopathology: An empirical review. *Journal of Clinical Psychology, 63*, 871-890. doi:10.1002/jclp.20400
- Cochrane, A., Barnes-Holmes, D., Barnes-Holmes, Y., Stewart, I., & Luciano, C. (2007). Experiential avoidance and aversive visual images: Response delays and event-related potentials on a simple matching task. *Behaviour Research and Therapy, 45*, 1379-1388. doi:10.1016/j.brat.2006.05.010
- Drake, C. E., Timko, C. A., & Luoma, J. B. (2016). Exploring an implicit measure of acceptance and experiential avoidance of anxiety. *Psychological Record, 66*, 463-475. doi:10.1007/s40732-016-0186-z
- Furnham, A. (1986). Response bias, social desirability and dissimulation. *Personality and Individual Differences, 7*, 385-400. doi:10.1016/0191-8869(86)90014-0.
- Gámez, W., Chmielewski, M., Kotov, R., Ruggero, C., & Watson, D. (2011). Development of a measure of experiential avoidance: The multidimensional experiential avoidance questionnaire. *Psychological Assessment, 23*, 692-713. doi:10.1037/a0023242
- Gil-Luciano, B., Ruiz, F. J., Valdivia-Salas, S., & Suárez-Falcón, J. C. (2017). Promoting psychological flexibility on tolerance tasks: Framing behavior through deictic/hierarchical relations and specifying augmental functions. *The Psychological Record, 67*, 1-9. doi:10.1007/s40732-016-0200-5
- Gorenstein, C., & Andrade, L. H. S. G. (1996). Validation of a Portuguese version of the Beck Depression Inventory and the State-Trait Anxiety Inventory in Brazilian subjects. *Revista Brasileira de Pesquisas Medicas e Biológicas, 29*, 453-457.
- Hacker, T., Stone, P., & MacBeth, A. (2016). Acceptance and commitment therapy - Do we know enough? Cumulative and sequential meta-analyses of randomized controlled trials. *Journal of Affective Disorders, 190*, 551-565. doi:10.1016/j.jad.2015.10.053
- Hayes, S. C. (2017a). *State of ACT evidence* [Web log message]. Retrieved from [https://contextualscience.org/state\\_of\\_the\\_act\\_evidence](https://contextualscience.org/state_of_the_act_evidence)
- Hayes, S. C. (2017b). *ACT randomized control trials since 1986* [Web log message]. Retrieved from [https://contextualscience.org/ACT\\_Randomized\\_Controlled\\_Trials](https://contextualscience.org/ACT_Randomized_Controlled_Trials)
- Hayes, S. C., Levin, M. E., Plumb-Villardaga, J., Villatte, J. L., & Pistorello, J. (2013). Acceptance and Commitment Therapy and Contextual Behavioral Science: Examining the progress of a distinctive model of behavioral and cognitive therapy. *Behavior Therapy, 44*, 180-198. doi:10.1016/j.beth.2009.08.002
- Hayes, S. C., Luoma, J., Bond, F., Masuda, A., & Lillis, J. (2006). Acceptance and Commitment Therapy: Model, processes, and outcomes. *Behaviour Research and Therapy, 44*, 1-25. doi:10.1016/j.brat.2005.06.006

- Hayes, S. C., Strosahl, K., Wilson, K. G., Bissett, R. T., Pistorello, J., Taormino, D., ... & McCurry, S. M. (2004). Measuring experiential avoidance: A preliminary test of a working model. *The Psychological Record, 54*, 553-578. doi:10.1007/BF03395492
- Hayes, S. C., Wilson, K. G., Gifford, E. V., Follette, V. M., & Strosahl, K. (1996). Experiential avoidance and behavioral disorders: A functional dimensional approach to diagnosis and treatment. *Journal of Consulting and Clinical Psychology, 64*, 1152-1168. doi:10.1037/0022-006X.64.6.1152
- Hooper, N., Villatte, M., Neofotistou, E., & McHugh, L. (2010). The effects of mindfulness versus thought suppression on implicit and explicit measures of experiential avoidance. *International Journal of Behavioral Consultation and Therapy, 6*, 233-244. doi:10.1037/h0100910
- Hughes, S., & Barnes-Holmes, D. (2013). A functional approach to the study of implicit cognition: The IRAP and the REC model. In B. Roche & S. Dymond (Eds.), *Advances in relational frame theory & contextual behavioural science: Research & applications* (pp. 97-125). Oakland, CA: New Harbinger.
- Hughes, S., Barnes-Holmes, D., & Vahey, N. (2012). Holding on to our functional roots when exploring new intellectual islands: A voyage through implicit cognition research. *Journal of Contextual Behavioral Science, 1*, 17-38. doi:10.1016/j.jcbs.2012.09.003
- Hughes, S., Hussey, I., Corrigan, B., Jolie, K., Murphy, C., & Barnes-Holmes, D. (2016). Faking revisited: Exerting strategic control over performance on the Implicit Relational Assessment Procedure. *European Journal of Social Psychology, 46*, 632-648. doi:10.1002/ejsp.2207
- Hussey, I., & Barnes-Holmes, D. (2012). The implicit relational assessment procedure as a measure of implicit depression and the role of psychological flexibility. *Cognitive and Behavioral Practice, 19*, 573-582. doi:10.1016/j.cbpra.2012.03.002
- Levin, M. E., MacLane, C., Daflos, S., Seeley, J. R., Hayes, S. C., Biglan, A., & Pistorello, J. (2014). Examining psychological inflexibility as a transdiagnostic process across psychological disorders. *Journal of Contextual Behavioral Science, 3*, 155-163. doi:10.1016/j.jcbs.2014.06.003
- McKenna, I. M., Barnes-Holmes, D., Barnes-Holmes, Y., & Stewart, I. (2007). Testing the fake-ability of the Implicit Relational Assessment Procedure (IRAP): The first study. *International Journal of Psychology and Psychological Therapy, 7*, 123-138. doi:10.1007/BF03395671
- Nicholson, E., & Barnes-Holmes, D. (2012). The Implicit Relational Assessment Procedure (IRAP) as a measure of spider fear. *The Psychological Record, 62*, 263-278. doi:10.1007/s40732-016-0176-1
- Nicholson, E., Dempsey, K., & Barnes-Holmes, D. (2014). The role of responsibility and threat appraisals in contamination fear and obsessive-compulsive tendencies at the implicit level. *Journal of Contextual Behavioral Science, 3*, 31-37. doi:10.1016/j.jbtep.2015.01.004
- Monestès, J. L., Karekla, M., Jacobs, N., Michaelides, M. P., Hooper, N., Kleen, M., ... & Hayes, S. C. (2016). Experiential avoidance as a common psychological process in European cultures. *European Journal of Psychological Assessment*. doi:10.1027/1015-5759/a000327

- Perez, W. F., Kovac, R., Linares, I. M. P., Barbosa, S. F. U., Gomes, C. T., dos Santos, G. A. R., & de Almeida, J. H. (2017). Utilizando o AAQ-II e o IRAP para prever a ocorrência de esquiva experiencial. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 19(3), 34-48.
- Pinto-Gouveia, J., Gregório, S., Dinis, A., & Xavier, A. (2012). Experiential avoidance in clinical and non-clinical samples: AAQ-II Portuguese version. *International Journal of Psychology & Psychological Therapy*, 12, 139-156. doi:10.1037/0021-9010.88
- Ribeiro, J. L. P., Honrado, A., & Leal, I. (2004). Contribuição para o estudo da adaptação portuguesa das escalas de depressão, ansiedade e stress de Lovibond e Lovibond. *Psychologica*, 36, 235-246. Retrieved from <http://sp-ps.pt/uploads/jornal/76.pdf>
- Ruiz, F. J. (2012). Acceptance and Commitment Therapy versus Traditional Cognitive Behavioral Therapy: A systematic review and meta-analysis of current empirical evidence. *International Journal of Psychology and Psychological Therapy*, 12, 333-357. Retrieved from <http://www.ijpsy.com/volumen12/num3/334.html>
- Skinner (1957). *Verbal Behavior*. Cambridge, MA: Copley Custom Textbooks.
- Thomas, J., Raynor, M., & Ribott, D. (2015). Depressive rumination and experiential avoidance: A task based exploration. *Personality and Mental Health*, 9, 58-65. doi:10.1002/pmh.1276
- Wolgast, M. (2014). What does the Acceptance and Action Questionnaire (AAQ-II) really measure? *Behavior Therapy*, 45, 831-839. doi:10.1016/j.beth.2014.07.002

Recebido em 01/09/2017  
Revisado em 20/10/2017  
Aceito em 11/11/2017